

REALISMO E CONSCIÊNCIA PERCEPTIVA EM SARTRE

REALISM AND PERCEPTIVE CONSCIOUSNESS IN SARTRE

*Fabrcio Rodrigues Pizelli*¹

Resumo: Objetiva-se, no presente artigo, apresentar um percurso em alguns textos e obras de Sartre que antecedem à ontologia de 1943, *L'être et le néant*, que indica elementos de um pensamento realista, isto é, que mantém algum estatuto irreduzível no mundo. Para isso, valemo-nos de textos como a dissertação sartriana, de 1927, sobre a imagem para a obtenção do *Diplôme d'Études Supérieures*, tal como o breve ensaio sobre a intencionalidade de Husserl, publicado em 1933. Em relação às obras, utiliza-se *La transcendance de l'Ego, L'imagination e L'imaginaire*, no intuito enfatizar os elementos que envolvem a ambiguidade da noção de *consciência perceptiva*, a qual envolve a atividade e espontaneidade referente à consciência, além de relacionar a passividade e receptividade inerentes à percepção. Visto isso, pode-se concluir que no empreendimento de Sartre em superar o idealismo e realismo tradicionais, mesmo o autor radicalizando a teoria de Husserl, ele indica um “novo realismo” que, de certo modo, está relacionado às ambiguidades da *consciência perceptiva*.

Palavras-chave: Realismo. Consciência perceptiva. Sartre. Intencionalidade. Idealismo.

Abstract: The objective of this paper is to present a route in some texts and works of Sartre that predate the ontology of 1943, *L'être et le néant*, which indicates elements of a realistic thought, that is, that maintains some irreducible status in the world. For this, we use texts such as the sartrian dissertation, of 1927, on the image to obtain the *Diplôme d'Études Supérieures*, as well as the brief essay on Husserl of 1933, on intentionality. In relation to the works, we use *La transcendance de l'Ego, L'imagination, L'imaginaire* in order to emphasize the elements that involve the ambiguity of the notion of *perceptual consciousness*, which involves the activity and spontaneity related to consciousness, besides relating the passivity and receptivity inherent to perception given this, it can be concluded that in Sartre's undertaking to overcome traditional idealism and realism, even the author radicalizing Husserl's theory, he indicates a “new realism” that, in a way, is related to the ambiguities of *perceptual consciousness*.

Keywords: Realism. Perceptual consciousness. Sartre. Intentionality. Idealism.

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Bolsista FAPESP sob o processo 2021/05960-9. Membro do grupo de pesquisa Pensamento Francês Contemporâneo (UNESP) e do grupo Subjetividade e Ontologia na Filosofia Contemporânea (Séculos XIX e XX) (UFSCar). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4760-3469>. E-mail para contato: fabricioreino@hotmail.com.

1. Considerações iniciais

Como se sabe, a noção de *consciência*, ao longo da fenomenologia de Sartre, especificamente nos textos da década de trinta, não possui uma definição cristalizada. Por mais que a frase, inúmeras vezes repetidas por Sartre, “toda consciência é consciência de alguma coisa”, indique a *intencionalidade* da consciência, existem ainda muitos predicados que podem ser atribuídos à consciência. Além disso, há tipos de consciências que podem se relacionar com um mesmo objeto, que é o caso da *consciência perceptiva*, *consciência imaginante* etc. (SARTRE, 2005, p. 22-23). No entanto, o estatuto dos tipos de consciência, dos quais se prioriza aqui a *consciência perceptiva*, configura-se como objeto de nossa investigação de modo a problematizá-la em função de um certo realismo que perpassa a argumentação de Sartre. Dessa maneira, uma vez estabelecida a interpretação sartriana de *intencionalidade*² presente em *Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: l'intentionnalité*³, a consciência vai em direção às coisas existentes no mundo, de modo que não há mais nada no interior da consciência, “[...] salvo um movimento para se escapar, um deslizamento fora de si. Se, pelo impossível, vocês entrassem ‘em’ uma consciência, vocês seriam tomados por um turbilhão e rejeitados para fora [...]”⁴.” (SARTRE, 1947, p. 33). Com efeito, a consciência apreende, isto é, percebe o objeto *no mundo*.

Desse modo, por mais que a publicação de *L’imaginaire*, em 1940, obra em que a noção de *consciência perceptiva* aparece de maneira explícita, a temática da percepção,

² A radicalização do conceito husserliano de intencionalidade, realizado por Sartre, nos textos que antecedem *L’être et le néant* situa-se no ensaio sobre Husserl, em *Situações I*, e na *Transcendência do Ego*. Ou seja, uma intencionalidade sem a remissão a um “Eu Puro”, de *Ideias I*, que, em Sartre, é explosão em direção ao mundo e que apreende o objeto tal como ele aparece em sua posição espacial. Tal radicalização rompe com a tradição espiritualista de uma “interioridade” da consciência, de modo que 1) libera o campo transcendental da consciência; 2) permite um avanço na refutação do problema do solipsismo, pois o “Eu” deixa de ser um habitante da consciência; 3) permite uma reação ao idealismo kantiano e husserliano, pois o “Eu” não possui mais um lugar privilegiado na relação com o mundo. A articulação mais aprofundada sobre a *intencionalidade*, em Sartre, está presente no estudo *O estatuto da intencionalidade na obra A transcendência do Ego, de Jean-Paul Sartre* (PIZELLI, 2020, p. 54). Além disso, é importante ressaltar que não adentramos ao *L’être et le néant* porque nessa obra é fundamental a presença de Hegel e Heidegger na constituição do conceito de *nadificação* que perpassa a *consciência intencional*.

³ Há uma polêmica referente à datação deste curto ensaio sobre Husserl; a respeito disso, discute-se se o texto foi escrito antes ou depois de *La transcendance de l’Ego*. Vincent de Coorebyter, em *Sartre face à la phénoménologie* (2000), reúne sete elementos que indicam que o ensaio, publicado em 1939, foi escrito em 1934, de maneira que pode ser considerado o primeiro escrito fenomenológico de Sartre (COOREBYTER, 2000, p. 27-29). Posto isso, adotamos a conclusão de Coorebyter sobre a datação de *Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: l’intentionnalité*.

⁴ « [...] sauf un mouvement pour se fuir, un glissement hors de soi ; si, par impossible, vous entriez ‘dans’ une conscience vous seriez saisi par un tourbillon et rejeté au dehors [...] » (Todas as traduções, aqui presentes, são de nossa responsabilidade).

por ela mesma, já interessava Sartre em 1926-1927. Na dissertação apresentada para obtenção do *Diplôme d'Études Supérieures de Philosophie*, sob a direção do professor Henri Delacroix (SARTRE, 2019, p. 43). No *Diplôme*, Sartre, de certo modo, já buscava uma alternativa entre o realismo e idealismo, porém sem as bases fenomenológicas, haja vista que o contato com o pensamento de Husserl data de 1932-1933. Nesse trabalho prévio à da fenomenologia, Sartre indaga: “Eu sou realista? O mundo exterior é tal que eu o vejo, os sentidos são tais que eu os vejo; mas eu não posso admitir que minha percepção somente seja uma ordem empírica estabelecida em um caos de sensações inextensas [...]”.⁵ (SARTRE, 2019, p. 59). No entanto, no que diz respeito ao idealismo, Sartre questiona novamente: “Eu sou idealista? Nesse caso, tudo é ‘minha representação’, os sentidos como o resto e, fazendo parte de minha representação, não podem explicar.”⁶ (SARTRE, 2019, p. 59). Visto isso, Sartre, em 1926-1927, trabalhava com o âmbito do fisiológico (realismo) e da representação (idealismo), não reduzindo uma à outra, mas colocando esses extremos em constante relação. Esse debate já está anunciado no pensamento de Sartre antes da fenomenologia, o mesmo empreendimento de superar os extremos da tradição filosófica se manterá após o contato com o pensamento de Husserl. No entanto, como nos relata Beauvoir, Sartre só conseguiu encontrar uma real possibilidade de tentar superar esses extremos em 1932 em seu encontro com Raymond Aron, que lhe apresentou a fenomenologia (BEAUVOIR, 1960, p. 141). No que diz respeito à dissertação de 1926-1927, para resolver os problemas das teorias que tendem mais ao fisiológico ou para a representação:

*O estudo do sentido deve permanecer exclusivamente fisiológico e seus limites são aqueles da representação. É um domínio a parte e a passagem do domínio fisiológico ao domínio psicológico – se alguma vez teve lugar – deve ser determinado pelas hipóteses de uma filosofia realista, não pelas constatações científicas do psicólogo.*⁷ (SARTRE, 2019 p. 59, grifo do autor).

⁵ « Suis-je réaliste ? Le monde extérieur est tel que je le vois les sens sont tels que je les vois ; mais je ne puis admettre que ma perception ne soit qu'un ordre empirique établi ans un chaos de sensations inévidentes [...] »

⁶ « Suis-je idéaliste ? En ce cas tout est 'ma représentation', les sens comme le reste et, faisant partie de ma représentation, ils ne peuvent l'expliquer. »

⁷ « L'étude de sens doit rester exclusivement physiologique et ses limites sont celles de la représentation. C'est un domaine à part et le passage du domaine physiologique au domaine psychologique – s'il a jamais lieu – doit être déterminé par les hypothèses d'une philosophie réaliste, non par les constatations scientifiques du psychologue. »

Dito de outro modo, em uma tentativa, ainda que nos limites de trabalho dissertativo para a obtenção de um diploma, Sartre já anunciava uma tentativa de conciliação entre real e ideal, admitindo que há aspectos relevantes tanto no realismo, quanto no idealismo. No entanto, no estatuto do fisiológico (sentidos) e do psicológico (representação), Sartre, antes da publicação de *Vers le concret*, de Jean Wahl, em 1932, já indica uma tendência realista na construção de uma hipótese alternativa à tradição filosófica. Contudo, por mais que não ocorra, na filosofia de Sartre, uma afirmação categórica do que *de fato* poderia ser a vida psicológica, nota-se que no início de seus estudos acerca da *percepção e imagem*, há uma certa “tendência” a algum tipo de realismo. Buscaremos realizar um breve percurso sobre alguns textos fenomenológicos de Sartre, no intuito de apresentar e justificar a tendência de Sartre ao *realismo*, tomando como fio condutor a *consciência perceptiva*.

Dessa maneira, retornaremos ao breve ensaio sobre Husserl, escrito no estágio em Berlim. Nesse escrito, é possível compreender que o objeto *percebido* pela consciência só pode existir exteriormente à consciência, a qual realiza a apreensão, por meio da *intencionalidade*. Com efeito, o correlato da consciência, nele mesmo, existe em uma oposição espacial que se relaciona com a consciência que o percebe em relação com outros fatores. Não há um correlato isolado, pois os objetos estão em *relação* não só com a consciência que o apreende, mas com outros fatores externos. Desse modo, a primazia do objeto em relação à consciência já aparece no breve ensaio sobre a *intencionalidade*. A respeito disso, Sartre declara: “Vocês veem essa árvore aqui, seja. Mas vocês a veem no local mesmo em que está: à beira do caminho, no meio da poeira, só é torto sob o calor, a vinte léguas do lado mediterrâneo.”⁸ (SARTRE, 1947, p. 32). Ademais, a apreensão desse correlato, nesse caso a “árvore”, é sempre parcial, isto é, impossível perceber todas as suas faces de uma só vez; nesse aspecto, a influência da fenomenologia de Husserl faz-se presente, pois a realidade é apreendida por perfis. Contudo, o anúncio, de um lado elogioso, devido ao avanço teórico proporcionado pela ideia de *intencionalidade*, de Husserl, de outro abre precedente para conduzir as primeiras críticas ao fenomenólogo alemão.

Sartre, no ensaio sobre a *intencionalidade*, afirma que Husserl não é realista, de modo a destacar suas discordâncias em relação a um certo privilégio que o autor alemão confere à instância da consciência, pois ainda no exemplo da árvore, Sartre atesta: “[...]”

⁸ « Vous voyez cet arbre-ci, soit. Mais vous le voyez à l’endroit même où il est : au bord de la route, au milieu de la poussière, seul et tordu sous la chaleur, à vingt lieues de la côte méditerranéenne. »

essa árvore sobre seu pedaço de terra rachada, ele [Husserl] não faz dela um absoluto que entraria, adiante, em comunicação conosco.⁹” (SARTRE, 1947, p. 32). Em outras palavras, Sartre confere uma importância maior aos objetos no mundo, diferentemente de Husserl, de modo que podemos elencar duas razões para essa afirmação: 1) Sartre apresenta a noção de *ser-no-mundo*, de Heidegger, com a qual ele está entrando em contato aos poucos¹⁰. Desse modo, a noção de *ser-no-mundo*, presente logo em um dos primeiros textos fenomenológicos de Sartre, já marca um grande distanciamento com Husserl, haja vista que o *ser-no-mundo*, segundo Heidegger, atua como constituição fundamental do *Dasein* (HEIDEGGER, 2012, p. 169)¹¹, que aproxima a consciência dos objetos e não depende de operações com fins epistemológicos, como em Husserl¹²; 2) Em Sartre, é difícil determinar os limites da ontologia e epistemologia, de modo que esses dois âmbitos se confundem nas descrições fenomenológicas. Desse modo, a utilização dos recursos criados pela fenomenologia husserliana, que visa estabelecer uma ciência rigorosa, não tem uma aplicação estritamente epistemológica no pensamento sartriano. Com efeito, o fenomenólogo francês realiza uma interpretação da *intencionalidade*¹³ que se desvencilha das interpretações da época, como a de Lévinas, por exemplo, constituindo um fator importante para a compreensão de uma *consciência perceptiva* que percebe objeto no mundo. Ainda sobre o ensaio de Sartre sobre Husserl, afirma Coorebyter: “[...]”

⁹ « [...] cet arbre sur son bout de terre craquelé, il n'en fait pas un absolu qui entrerait, par après, en communication avec nous. »

¹⁰ A respeito disso, Sartre nos relata, nos *Carnets de la drôle de guerre*, as influências de Husserl e Heidegger em seu pensamento: “Ele [Husserl] parecia que, com Heidegger, a filosofia tinha voltado à infância, eu não reconhecia mais os problemas tradicionais, a consciência, o conhecimento, a verdade e o erro, a percepção o corpo, o realismo e o idealismo, etc. Eu só poderia vir para Heidegger depois de ter esgotado Husserl. E, para mim, esgotar um filósofo, quer dizer refletir em suas perspectivas, fazer ideias pessoais às suas custas até que eu caia em um beco sem saída. Levei quatro anos para esgotar Husserl” (SARTRE, 2010, p. 467, grifo do autor).

¹¹ A respeito disso, afirma Heidegger no §12 de *Ser e tempo*: “Mas essas determinações-de-ser do *Dasein* devem ser vistas e entendidas agora *a priori* sobre o fundamento da constituição-de-ser que denominamos *ser-em-o-mundo*.” (HEIDEGGER, 2012, p. 169).

¹² Esse movimento crítico é bem sintetizado por Sartre em uma conferência após a publicação de *Être et le néant* intitulada *Conscience de soi et connaissance de soi*, Sartre busca esclarecer a pertinência do *cogito* como ponto de partida filosófico e a articulação das influências (Husserl, Hegel e Heidegger) na construção de sua ontologia fenomenológica. No que tange a Husserl, Sartre argumenta que pelo fato de Husserl partir do *cogito* e fazer uma censura aos demais elementos constitutivos do pensamento cartesiano, como o recurso a Deus enquanto garantia da verdade, o fenomenólogo alemão chega a uma “pontualismo de essências”. Em suma, nas palavras de Sartre: “A obra de Husserl, por mais importante e essencial que seja, permanece no plano da descrição.” (SARTRE, 2003, p. 140). Desse modo, se é uma descrição, o plano que se estabelece é *epistemológico* e não uma relação *existencial*, na concepção de Sartre.

¹³ Em *La transcendance de l'Ego*, Sartre crítica a reformulação de Husserl, feita em 1913, que reintroduz o “Eu” nas *Investigações Lógicas*, além de guinar para o *idealismo fenomenológico transcendental de Ideias I*. Visto isso, ele recorre às *Lições da consciência interna do tempo* para defender um jogo de intencionalidades, sem “Eu”, capaz de constituição e garantir a unidade das vivências sem um âmbito transcendental. A respeito disso, o artigo *O estatuto da intencionalidade na obra A Transcendência do Ego, de Jean-Paul Sartre* aprofunda bem (PIZELLI, 2020).

A *intencionalidade* contorna deliberadamente um certo Husserl *a fim de promover uma forma de intencionalidade capaz de acabar com as filosofias da imanência psicofisiológicas*.¹⁴ (COOREBYTER, 2000, p. 51, grifo do autor). Em outras palavras, existiria ali uma instrumentalização de Husserl contra o próprio Husserl, de modo o ensaio sartriano sobre a intencionalidade pode ser usado como algo que distingue Sartre do fenomenólogo alemão¹⁵, haja vista uma radicalização da intencionalidade e uma tendência realista.

Ademais, em *La transcendance de l'Ego*, Sartre nos esclarece a respeito de suas diferenças com a fenomenologia husserliana e nos apresenta novas razões para indicar uma tendência a um novo tipo de realismo. Em uma guinada contra o *idealismo fenomenológico transcendental* de *Ideias I*, nos indica a preferência de Sartre por um certo realismo de Husserl ou, de outro modo, da psicologia descritiva, das *Investigações lógicas*. Por conseguinte, sabe-se que em *Ideias I*, publicado em 1913, retoma-se o “Eu” puro presente na consciência na fenomenologia husserliana, de modo que a noção de *intencionalidade* passa a se relacionar com uma instância idealista, a qual é duramente criticada por Sartre na primeira parte de *La transcendance de l'Ego*. Dessa maneira, Sartre, influenciado por Husserl, no mesmo tempo que o critica, vale-se de seus escritos anteriores a 1913, para tecer a sua crítica ao idealismo dele, mas também para tornar possível uma síntese do objeto sem a necessidade de um ponto unificador das vivências (*Erlebnisses*). Nesse aspecto, acredita-se que as *Lições por uma fenomenologia da consciência interna do tempo*, de Husserl (HUSSERL 2017), é uma obra fundamental para a formação de um certo realismo na relação da *consciência perceptiva* com o objeto exterior, no mundo. Ademais, posta a possibilidade de realizar uma síntese dos objetos exteriores sem um “Eu”¹⁶, de maneira a dispensar as estruturas transcendentais *a priori*,

¹⁴ « [...] *L'intentionnalité* contourne sciemment un certain Husserl *afin de promouvoir une forme d'intentionnalité capable d'en finir avec les philosophies de l'immanence psycho-physiologique.* »

¹⁵ Aqui apresentamos, de maneira geral, alguns pontos que indicariam um realismo demasiado, de Sartre, em relação a Husserl. Contudo, de modo a especificar mais a noção de intencionalidade e sobre os planos que tal conceitos pode se apresentar, Coorebyter detalha os planos gnosiológico, ontológico e existencial (COOREBYTER 2000, p. 30).

¹⁶ É importante fazer uma contextualização histórica para não cairmos em anacronismos. Sartre, quando sai de estágio para Berlim, no intuito de se aprofundar na fenomenologia de Husserl, em 1932-1933, teve um contato com algumas obras de Husserl, pois estava iniciando na fenomenologia. Desse modo, com base na edição crítica de *La transcendance de l'Ego* (SARTRE, 2003) feita por Vincent de Coorebyter e a biografia escrita Cohen-Solal (1986), Sartre leu as seguintes obras de Husserl: *Investigações Lógica I e II*, *Lições da consciência interna do tempo*, *Ideias I*, *Meditações Cartesianas e Lógica formal e Lógica transcendental*. Desse modo, Sartre faz críticas tão frequentes à resposta husserliana ao solipsismo porque, por um lado no momento em que ele escreve suas primeiras obras de fenomenologia (1932-1933) ele só teve contato com os textos mencionados de Husserl, por outro lado quando inicia a redação de *L'être et le néant*, em 1940, ele não busca aperfeiçoar suas críticas, pois também já articulava sua leitura com Heidegger e Hegel. Além

Sartre conduz sua crítica à presença do “Eu” formal pautando-se em etapas da fenomenologia de Husserl.

Por conseguinte, na densa argumentação de *La transcendance de l'Ego*, entre críticas e elogios à novidade teórica que permitiu entrar em contato com as coisas mesmas (SARTRE, 2003, p. 95), Sartre não aplica as correlações noético-noemáticas dirigidas a reconstituir as unidades de sentido, como no §106, de *Ideias I*, mas renova, em *La transcendance de l'Ego*, de acordo com Coorebyter:

[...] o realismo afiado de *A intencionalidade*, em que o sujeito é mundano na medida exata em que Sartre entende colocá-lo ao mundo sem adiamento; ela mantém as filosofias da gênese para uma forma de idealismo que nos afasta da verdade entendida como desenvolvimento [...] ¹⁷. (COOREBYTER, 2000, p. 191-192).

A radicalização da intencionalidade permite a Sartre propor uma reação às descrições idealistas, de modo que essa instrumentalização nos auxilia a compreender a *consciência perceptiva* trabalhada em forma mais detida por Sartre em *L'Imaginaire*. O fenomenólogo francês, por sua vez, ressalta, de acordo com Sylvie Le Bon em nota, um certo *realismo* espontâneo, presente na redução fenomenológica (ἐπιτοχή) que retira o “Eu” idealista¹⁸ de um estatuto privilegiado na dinâmica fenomenológica (SARTRE, 1966, p. 18). Com efeito, Sartre prioriza a fase ‘mais realista’ de Husserl (psicologia descritiva de 1900-1901), contra todo e qualquer idealismo, até mesmo o do próprio Husserl, principalmente aquele de 1913. Por essas razões, indica-se uma preferência de Sartre em postular o objeto, em si mesmo, como pleno de si, em detrimento da consciência. Desse modo, nesta fase da fenomenologia sartriana, isto é, nos escritos concernentes à sua estadia em Berlim, contém, em germe, a primazia do “ser-em-si¹⁹”, presente em *L'être et*

disso, situamos o percurso desse estudo em textos que antecedem *L'être et le néant*, pois outros recursos teóricos nessa ontologia madura de 1943 são utilizados. Desse modo, esse retrospecto possui como objetivo esclarecer as bases para uma investigação posterior sobre o realismo em *L'être et le néant* seja possível.

¹⁷ “[...] le réalisme tranchant de *L'intentionnalité*, où le sujet mondain dans la mesure exacte où Sartre entend le mettre au monde sans attermoiement ; elle tient les philosophies de la genèse pour une forme d'idéalisme qui nous éloigne de la vérité entendue comme dévoilement [...]]. »

¹⁸ Como bem mostra Coorebyter (2000), *La transcendance de l'Ego* trata de questões antinômicas, justamente por manter uma tensão entre uma leitura realista do ensaio sobre Husserl e admissão da estrutura noética-noemática para a constituição do Ego transcendente, desembocando, assim, em uma série de tensões. Dessa forma, não estamos salientando que Sartre, ao criticar o idealismo, afirma consequentemente o realismo, mas que Sartre tem uma tendência a um certo realismo que será desenvolvido até a ontologia madura de *L'être et le néant*.

¹⁹ A consciência, em *L'être et le néant*, passa a ser considerada como *nada* [néant], de modo a operar um movimento, que é da estrutura do para-si, compreendido como *nadificação*. Para que a consciência possa negar ou *nadificação* um existente que aparece a ela, é imprescindível que esse existente *seja*. Desse modo,

le néant (SARTRE, 1943, p. 33-38) que abre precedentes para a afirmação da presença de um certo realismo na ontologia fenomenológica de Sartre.

Contudo, por mais que Sartre utilize das *Lições* para contrapor o Husserl idealista de 1913, o fenomenólogo francês não se demonstra totalmente fiel a Husserl, pois de maneira correlata à questão da percepção, Sartre toca em questões concernentes à temporalidade e à constituição de um objeto apreendido pela consciência. Dessa maneira, o que envolve a percepção da consciência de um objeto *no* mundo, compromete, por conseguinte, uma série de noções fundamentais e caras à fenomenologia. Visto isso, a *consciência perceptiva* é a consciência que está diante da coisa visada, de modo que ela se dá no oposto da consciência imaginante, a qual visa a imagem do objeto percebido. Com efeito, passaremos a uma análise mais aprofundada sobre a tendência realista de Sartre na compreensão da consciência, no intuito de esclarecer o estatuto da *consciência perceptiva*.

2. Sartre e um percurso realista

Sartre, em 1936, publica *L'imagination*, que foi solicitada pelo antigo orientador, Henri Delacroix. Na época do convite a Sartre, Delacroix coordenava a coleção, da Editora Alcan, intitulada *Nouvelle Encyclopedie Philosophie*, em que Sartre retoma o seu trabalho do diploma, o qual já contém boa parte dos exames críticos às doutrinas filosóficas. No entanto, a obra produzida, após o convite da Alcan, intitulava-se *L'image*, apenas aceitou a primeira parte da obra, a qual contém o exame crítico, de modo que essa parte selecionada foi publicada sob o título de *L'imagination*. A segunda parte da obra, destinada ao exame científico, foi publicada posteriormente em 1939, sob o título de *L'imaginaire* (CONTAT; RYBALKKA, 1970, p. 55). Na realidade, o levantamento da história das teorias da imagem, presente no *Diplôme* de Sartre é mais detalhista em relação

há uma primazia do em-si frente ao para-si que ancora a consciência na realidade, evitando uma aproximação desmedida com o idealismo.

ao exame crítico de *L'imagination*. A título de exemplo, segue a tabela²⁰ feita por Sartre do *Diplôme* sobre a história da imagem (SARTRE, 2019, p. 90):

	Dualisme cartésien de l'image et de la pensée	Théorie aristotélicienne et leibnizienne de l'image support nécessaire de la pensée	Associationnisme	Théories romantiques
XVII ^e s.	Descartes Malenbranche Spinoza ↓ Le succès passe à	Leibniz Wolff ↓ Le succès passe	↑ Hobbes Locke ↓	
XVIII ^e s.			Hume Condillac Ch. Bonnet ↓	
XIX ^e s. Jusqu'en 1870			Th. Brown James Mill ↓	↑ Ahrens Garnier Baillarger Sandras
Jusqu'en 1880 Jusqu'en 1903			Taine ↓	↓
XX ^e s.	↑ Marbe Watt Ach Messer Bühler Binet Badareu Stout ↓ etc.	↓ Spaijer*		↓ Sartre*

²⁰ Trata-se de uma tabela intitulada como « Tableau des différentes conceptions de l'image dans la vie psychologique. »

Chamamos atenção para um detalhe dessa tabela elaborada por Sartre: as inscrições “Spaier” e “Sartre”, de acordo com a nota, de Michel Rybalka, presente na tabela acima, são da mão de Delacroix. No entanto, o mais importante é a posição que esses nomes ocupam ali, mais especificamente, “Sartre”, que, de acordo com as linhas que demonstram a influência de algumas vertentes sobre outras, o jovem filósofo aparece relacionado com os associacionistas como Hobbes, Locke, Hume, etc., e se situa nas “teorias românticas”, as quais possuem doutrinas de tendência realista, no sentido de que o mundo dita a verdade da consciência. Contudo, de 1926 a 1936 muita coisa se alterou no pensamento de Sartre a respeito da imagem, espontaneidade da consciência e percepção do objeto. Sartre entrou em contato com a fenomenologia de Husserl em 1932.

Por conseguinte, lembremo-nos das primeiras frases de *L'imagination*, em que Sartre irá descrever a folha de papel a sua frente, cuja *forma, cor e posição* no espaço são percebidas pela consciência, de modo que tais qualidades percebidas pela consciência intencional “[...] têm características comuns: de início elas se dão ao meu olhar como existências que eu posso somente constatar, então o seu não depende de meu capricho.”²¹ (SARTRE, 2012, p. 1). Desse modo, podemos afirmar que os elementos qualitativos percebidos pela consciência, não são *relativizados* em relação à consciência que os percebe, isto é, há um *ser* que não é alterado pelo sujeito. Tamanha é a primazia do objeto sobre a consciência que Sartre parece-nos ressaltar o âmbito passivo da consciência, conferindo menos importância à *espontaneidade da consciência*, tão mencionada em *La transcendance de l'Ego*.

Neste aspecto, em *L'imagination*, Sartre afirma sobre os conteúdos *certos* apreendidos pela consciência: “Essa forma inerte, que está aquém de todas as espontaneidades conscientes, que deviam observar, apreender pouco a pouco, é isso que chamamos uma *coisa*.”²² (SARTRE, 2012, p. 1, grifo do autor). Desse modo, a *espontaneidade criadora*, de *La transcendance de l'Ego* começa, em *L'imagination*, a perder toda aquela capacidade regular as apreensões da consciência no mundo²³. Por essa razão, é importante notar que em *La transcendance de l'Ego*, na parte reservada à

²¹ “[...] ont des caractéristiques communes: d’abord elles se donne à mon regard comme des existences que je puis seulement constater et dont l’être ne dépend aucunement de mon caprice. »

²² “Cette forme inerte, qui est en deçà de toutes les spontanéités conscientes, que l’on doit observer, apprendre peu à peu, c’est ce qu’on appelle une *chose*. » (SARTRE, 1989, p. 1).

²³ A tendência a um realismo se mantém em *L'Imagination* e *L'imaginaire* porque o estudo da imaginação não é desvinculado com a da percepção. A separação entre consciência imaginante e consciência perceptiva existe *de direito* e não inseparáveis *de fato*. A respeito disso acompanhamos o estudo de Thana Mara de Souza *Da irredutibilidade e inseparabilidade entre percepção e imaginação em Sartre* (SOUZA, 2018).

constituição do Ego transcendente, Sartre discorre sobre a existência de uma espontaneidade da consciência e uma espontaneidade interna à constituição do Ego. Entretanto, por mais que a espontaneidade da consciência seja distinta da espontaneidade do Ego, o autor apresenta uma breve definição dessa espontaneidade, a qual se acredita que seja uma característica comum: “A verdadeira espontaneidade deve ser perfeitamente clara: ela é aquilo que ela produz e não pode ser outra coisa.²⁴” (SARTRE, 2013, p. 118, grifo do autor). Desse modo, seja a espontaneidade da consciência, seja a espontaneidade do Ego, ela só pode ser considerada espontânea na medida em que *produz* algo, porém em *L’imagination*, os dados apreendidos pela consciência do objeto correlato, não estão abarcados por uma ordem de livre criação. O branco do papel, tal como a sua forma e sua posição no espaço, independe da consciência, ocorrendo assim uma primazia do objeto *em-si* em detrimento da consciência. Um certo realismo sartriano começa a se formar, entretanto, ele ocorre no âmbito da *consciência perceptiva*, pois o objeto percebido na realidade detém uma inércia que limita a *espontaneidade livre* da consciência, ao passo que no âmbito da consciência imaginante, que tem a imagem por seu objeto, a espontaneidade não encontra a inércia do *em-si*.

Ademais, a dinâmica da relação fenomenológica entre *consciência*, *conteúdo* e *objeto*, nele mesmo, não se altera. Desse modo, o *conteúdo* apreendido pela *consciência* não reduz o *objeto*. É através da relação da consciência com esses conteúdos que se visa o objeto transcendente. A respeito disso, afirma Sartre: “Sem dúvida há conteúdos de consciência, mas esses conteúdos não são o objeto da consciência: através deles a intencionalidade visa o objeto que, ele, é o correlativo da consciência, mas não é *da consciência*.²⁵” (SARTRE, 2012, p. 122). Ou seja, por mais que exista uma relativização pela consciência, via intencionalidade e pelo estatuto da reflexão, há conteúdos que se mantêm *no* objeto e que não são provenientes da consciência. Esse aspecto demarca, em linhas gerais, um embate contra o idealismo já iniciado no ensaio sobre Husserl e na primeira parte de *La transcendance de l’Ego*.

²⁴ « La véritable spontanéité doit être parfaitement claire : elle *est* ce qu’elle produit et ne peut rien être d’autre. »

²⁵ « Sans doute il y a des contenus de conscience mais ces contenus ne son pas l’objet de la conscience : à travers eux l’intentionnalité vise l’objet qui, lui, est le corrélatif de la conscience mais n’est pas *de la conscience*. »

3. *L'imaginaire* e a consciência perceptiva

Na relação entre a consciência intencional e correlato, a consciência que apreende um determinado objeto pode fazê-lo de várias maneiras, uma vez que a *consciência imaginante* e a *consciência perceptiva* são apenas dois modos em que a consciência pode se relacionar com o objeto transcendente. No que diz respeito à *consciência perceptiva*, em *L'imaginaire*, Sartre já anuncia o aspecto relacional entre consciência e objeto, uma vez que a consciência, ao perceber uma cadeira, não deixa de visar o objeto em sua corporeidade (SARTRE, 1986, p. 21). Pelo fato de o objeto independer da consciência para existir, a constituição e relação da consciência com objeto se dá por meio de uma *organização sintética*²⁶. Tal processo de síntese permite que a consciência se relacione, em cada vez que percebe o objeto, de uma maneira diferente, pois ela não pode apreender todos os perfis de um objeto de uma só vez. A percepção, em contraste com a imaginação, detém um processo mais lento na relação com a coisa no mundo. A respeito disso, Sartre afirma: “na percepção *eu observo* os objetos. É importante entender, desse modo, que o objeto, embora inteiro na minha percepção, apenas me é dado um lado de cada vez.”²⁷ (SARTRE, 1986, p. 23, grifo do autor). Dessa feita, salienta-se que o processo sintético envolvido na percepção, diz respeito aos múltiplos perfis possíveis ao perceber uma coisa. A percepção de um objeto, segundo Sartre, é um fenômeno de infinitas faces, de modo que é importante esperar que o “açúcar derreta” (SARTRE, 1986, p. 23-24), aludindo a Bergson.

Em *L'imaginaire*, Sartre nos fornece o exemplo do cubo, o qual, nos permite compreender a relação entre a percepção e pensamento, ou melhor, a relação de uma *consciência perceptiva*, que atua de maneira imediata, e uma consciência reflexiva – constituída no terceiro grau de consciência. Ao percebermos um cubo, nunca poderemos apreender mais que três faces ao mesmo tempo, de modo que as outras três faces são deduzidas pelo sujeito (SARTRE, 1986, p. 23). Ora, o âmbito da percepção torna-se, aqui, insuficiente para obter uma certeza efetiva da existência do cubo, porém é possível “[...] pensar as essências concretas em um só ato de consciência; eu não tenho de restabelecer

²⁶ Chamamos a atenção que não é a primeira vez que a concepção de síntese aparece na fenomenologia de Sartre. Em *La transcendance de l'Ego*, o autor afirma a existência da uma *totalidade sintética indissolúvel* (SARTRE, 2003, p. 114); em *L'imagination*, ele afirma que todo fato psíquico é síntese (SARTRE, 2012, p. 135); por último, por enquanto, em *L'imaginaire*, o fenomenólogo francês menciona uma certa *organização sintética* (SARTRE 1986, p. 21).

²⁷ “Dans la perception *j'observe* les objets. Il faut entendre par là que l'objet, quoiqu'il entre tout entier dans ma perception, ne m'est jamais donné que d'un côté à la fois. » (SARTRE, 1986, p. 23).

aparências, eu não tenho aprendido a fazer.²⁸” (SARTRE, 1986, p. 24). Por essas razões, de acordo com o fenomenólogo francês, não podemos perceber um pensamento nem pensar uma percepção (SARTRE, 1986, p. 24). Em suma, o pensamento e a percepção se distinguem por suas naturezas, mas se relacionam na totalidade da consciência. No que diz respeito ao pensamento, trata-se de um saber consciente de si mesmo – mesmo observando três lados do cubo, sabemos que se trata de um cubo, conseqüentemente, posicionamos a existência desse objeto; no âmbito da percepção, trata-se, de acordo com Sartre de uma “[...] unidade sintética de uma multiplicidade de aparências, que faz lentamente seu aprendizado.²⁹” (SARTRE, 1986, p. 24). No entanto, encontramos, na economia argumentativa de *L’imaginaire*, uma ambigüidade ou definições conflitantes acerca da natureza da *consciência perceptiva*, a saber: 1) a *consciência perceptiva coloca* o seu objeto como existente (SARTRE, 1986, p. 32), ou seja, há um movimento de *atividade* da percepção em relação ao objeto percebido, de modo a estabelecer a sua existência; 2) Contudo, no que diz respeito à quarta característica da consciência, a *espontaneidade*, Sartre afirma que a *consciência perceptiva* aparece como *passividade*, ou seja, ela recebe as impressões do mundo (SARTRE, 1986, p. 35). Desse modo, qual será a natureza dessa consciência que percebe o objeto, *real*, no mundo? Adiantamos: trata-se de uma relação de *passividade* e *atividade* inerente a ela, de modo que a própria concepção de *consciência perceptiva* já carrega consigo mesmo uma ambigüidade, pois é característica da “consciência” um aspecto de atividade e espontaneidade, ao passo que “perceptiva” implica receptividade de conteúdos exteriores ao sujeito e remete à passividade. A natureza perceptiva da consciência remete a um dado imediato e evidente, ou seja, uma presença (SARTRE, 1986, p. 315).

Na conclusão de *L’imaginaire*, Sartre exemplifica essa relação entre *passividade* e *atividade* na dinâmica perceptiva, no intuito de comprovar o real:

Eu *percebo* os inícios e as terminações dos arabescos escondidos (as quais me aparecem para frente e para trás do pé da cadeira), como *se continuando* sob os pés dessa cadeira. É, portanto, *na maneira como eu apreendo o dado* que eu coloco como real aquilo que não é dado.³⁰ (SARTRE, 1986, p. 347, grifo do autor).

²⁸ « [...] penser les essences concrètes en un seul acte de conscience ; je n’ai pas à rétablir d’apparences, je n’ai pas d’apprentissage à faire. »

²⁹ « [...] unité synthétique d’une multiplicité d’apparences, qui fait lentement son apprentissage. »

³⁰ « Je *perçois* les débuts et les terminaisons des arabesques cachées (lesquelles m’apparaissent en avant et en arrière du pied du fauteuil), comme *se continuant* sous les pieds de ce fauteuil. C’est donc *dans la manière dont je saisis le donné* que je pose comme réel ce qui n’est pas donné. »

Por mais que Sartre mantenha os conceitos inerentes a uma filosofia da consciência, os percursos de *L'imagination* e *L'imaginaire* deixam claro a rejeição à noção de representação e apresentam um esforço de colocar a imagem e o objeto percebido, por exemplo, em um novo estatuto, que é o da fenomenologia. A apreensão do objeto pela consciência no mundo, chancela o seu estatuto real e apresenta um novo elemento que indica a tendência realista do pensamento de Sartre como reação à tradição filosófica idealista. Com efeito, por mais que a noção de consciência possa estar atrelada ao idealismo e com o problema dessa consciência produzir a realidade externa ao sujeito, Sartre é categórico: “Nós podemos afirmar sem temor que, se a consciência é uma sucessão de fatos psíquicos determinados, é totalmente impossível que ela produza outra coisa que não seja real.”³¹ (SARTRE, 1986, p. 353). Portanto, haja vista que esses fatos psíquicos determinados são apreendidos no mundo e possuem relação com um correlato que independe do sujeito para existir, Sartre, mesmo valendo-se de recursos idealistas da tradição, consegue estabelecer sua proposta fenomenológica em elementos realistas. Não um realismo clássico determinista, um “realismo” que não deduza a consciência única e exclusivamente do mundo, isto é um realismo de outra ordem, isto é a constituição do objeto no mundo, nele mesmo, mas não totalmente independente da espontaneidade e atividade da consciência.

Neste aspecto, por mais que o mundo não seja totalmente subjetivo ou objetivo, de modo que as tensões, paradoxos e antinomias são colocadas em relação devido a uma *totalidade sintética*, acredita-se que a fenomenologia de Sartre se encaminha para um *neorrealismo fenomenológico*³²: algo que não permite o mundo determinar a consciência, mas prioriza os objetos *no* mundo. A recusa do idealismo husserliano reafirma a tese de um *neorrealismo* propiciado pelo uso sartriano da fenomenologia de Husserl e Heidegger. Ademais, em uma digressão no intuito de indicar esse neorrealismo sartriano, nos *Carnets de drôle de la guerre*, Sartre confessa: “Sempre nos orientávamos para um pluralismo *neorrealista* e, para buscar o absoluto nas coisas, eu virava as costas ao absoluto existencial em mim.”³³ (SARTRE, 2010, p. 369, grifo nosso). Além disso, nos anexos dos *Carnets*, Sartre também declara: “Retorno ao dogmatismo, passando pela fenomenologia, eu guardo tudo de Husserl, o ser-no-mundo e, portanto, chego a um

³¹ « Nous pouvons affirmer sans crainte que, si la conscience est une succession de faits psychiques déterminés, il est totalement impossible qu'elle ne produise jamais autre chose que du réel. »

³² Neste aspecto, concordamos com Mouillie (2001) e Souza (2018).

³³ “Toujours est-il que nous nous orientons vers un pluralisme néoréaliste et, pour chercher l'absolu dans les choses, je tournais le dos à l'absolu existentiel en moi. »

neorrealismo absoluto [...].³⁴” (SARTRE, 2015, p. 720). Até então, a construção desse neorrealismo sartriano se dá com as noções heideggerianas de *nada* (*néant*) e *ser-no-mundo* (*être-dans-le-monde*), as quais merecem um estudo posterior. Desse modo, haja vista o recorte e a proposta do artigo, pretendemos mostrar os elementos realistas em algumas obras da década de trinta do pensamento sartriano importantes para a consolidação do seu pensamento, em *O ser e o nada*.

4. Conclusão

Portanto, o presente artigo retomou alguns elementos presentes na dissertação do *Diplôme de Études Supérieures de Philosophie*, de 1926-1927, que já anuncia uma preocupação de Sartre com um dilema clássico da filosofia entre realismo e idealismo. No entanto, em 1927, Sartre ainda tinha entrado em contato com a fenomenologia de Husserl, a qual permite superar alguns problemas filosóficos da época. Desse modo, em 1933, durante um estágio em Berlim, Sartre se aprofunda no pensamento husserliano e escreve um curto ensaio sobre Husserl e *La transcendance de l'Ego*, que serão publicadas após o estágio de pesquisa. Tanto no ensaio sobre a intencionalidade, quanto em *La transcendance de l'Ego*, Sartre radicaliza o pensamento de Husserl, rompe com a estrutura do “Eu” como polo unificador das vivências e constituinte do objeto e passa considerar que o objeto é apreendido pela consciência *no* mundo, valendo-se das *Investigações Lógicas* e as *Lições da consciência interna do tempo* em contraste com a virada idealista de Husserl, em 1913, com *Ideias I*. Neste aspecto, Sartre faz grande avanço contra o idealismo, pois o “Eu” individual não é responsável pela constituição e relação com o mundo, afastando a possibilidade de uma única consciência derivar e ditar a realidade. Além disso, a consciência passa a ser compreendida como movimento para fora, em direção ao mundo, de modo que *atividade e espontaneidade* passam a ser características imprescindíveis à compreensão da consciência em Sartre. Porém, se a consciência for *apenas* atividade e espontaneidade, o idealismo delirante voltar a ser presente no pensamento sartriano. Desse modo, discutimos o estatuto da percepção, que está relacionada à *passividade e receptividade* em relação ao mundo, mas tais características, por sua vez não podem ditar, exclusivamente, o que é a consciência, pois então enfrentaríamos um realismo ingênuo, em que a consciência é determinada pela a

³⁴ « Je retrouve le dogmatisme en passant par la phénoménologie, je garde tout Husserl, l'être-dans-le-monde, et pourtant j'arrive à un néo-réalisme absolu [...]. »

realidade exterior. Desse modo, Sartre ao construir a noção de *consciência perceptiva* relaciona de maneira irreduzível atividade e passividade; espontaneidade e receptividade, de forma sintética possibilitando uma alternativa tanto ao idealismo delirante, quanto ao realismo ingênuo.

Ademais, a *consciência perceptiva* implica uma primazia do objeto imediato apreendido no mundo e para nos ater melhor nessa discussão recorreremos aos trabalhos sobre a imagem, *L'imagination* e *L'imaginaire*, o primeiro em um recorte crítico e o segundo elaborado com um intuito científico. Nesses textos, existem conteúdos que, por mais que sejam apreendidos pela consciência, não podem ser relativizados, isto é: são tomados como certos e são apreendidos por perfis. Em outras palavras, por exemplo o branco do papel e sua posição no espaço independem da consciência para existirem, de modo que compreendemos que o objeto percebido na realidade detém uma inércia que limita a atividade livre da consciência. Visto isso a consciência não reduz o objeto transcendente, de modo a abrir possibilidade para um realismo de novo tipo, em que a *consciência perceptiva*, melhor trabalhada no *L'imaginaire*, nos permite uma melhor compreensão.

Em *L'imaginaire* a consciência perceptiva posiciona o seu objeto como existente, indicando que há um movimento de atividade da percepção na apreensão do correlato. Além disso, a consciência perceptiva recebe as impressões do mundo, de maneira podemos indicar uma relação síntese da passividade e atividade, garantindo que a natureza da consciência perceptiva remeta a um dado imediato e evidente no mundo, o qual também pode ser denominado de presença. Desse modo, busca-se indicar não um realismo clássico e determinista que reduza a consciência única e exclusivamente ao mundo, mas um neorealismo sartriano ou um realismo de novo tipo não totalmente independente da espontaneidade e atividade da consciência, ao passo que conserva algo certo na realidade.

Referências

- BEAUVOIR, S. *La force de l'âge*. Paris: Gallimard 1960.
COHEN-SOLAL, A. *Sartre: 1905-1980*. Trad. Milton Persson. São Paulo: L&PM Editores, 1986.
COOREBYTER, V. *Sartre face à la phénoménologie : Autour de « L'intentionnalité » et de « La transcendance de l'Ego »*. Bruxelas: Ousia, 2000.
HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

- HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia*. Trad. Márcio Suzuki. Ideias & Letras, 2006.
- HUSSERL, E. *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Trad. Pedro M. S. Alves. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.
- MOUILLIE, J-M; NARBOUX, J-P (Orgs.). *Sartre : l'Être et le néant : nouvelles lectures*. Paris: Les Belles Lettres, 2015.
- PIZELLI, F. R. O Estatuto da intencionalidade na obra A Transcendência do Ego, de Jean-Paul Sartre. *Primeiros Escritos*, 10(1), p.34-56, 2020.
<https://doi.org/10.11606/issn.2594-5920>.
- SARTRE, J-P. *Carnets de la drôle de guerre* [texte établi et annoté par Alertte Elkaïm-Sartre]. Paris : Gallimard, 2015.
- SARTRE, J-P. *La transcendance de l'Ego. Esquisse d'une description phénoménologique* [introduction, notes et appendices par Sylvie Le Bon]. Paris : Vrin, 1966.
- SARTRE, J-P. *La transcendance de l'Ego: et autres textes phénoménologiques* [Textes introduits et annotés par Vincent de Coorebyter]. Paris : Vrin, 2003.
- SARTRE, J-P. *Les Mots et autres écrits autobiographiques*. Paris : Gallimard, 2010.
- SARTRE, J-P. *L'imaginaire: psychologie phénoménologique de l'imagination*. Paris : Gallimard, 1986.
- SARTRE, J-P. *L'imagination*. Paris : P.U.F, 2012.
- SARTRE, J-P. *Situations I*. Paris : Gallimard, 1947.
- SOUZA, T. M. DE. Da irreduzibilidade e inseparabilidade entre percepção e imaginação em Sartre. *Educação e Filosofia*, v. 32, n. 64, 30 abr. 2018. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/35096>>. Acesso em 10 de ago. de 2022.
- WAHL, J. *Vers le Concret : études d'histoire de la philosophie contemporaine*. Paris: Vrin, 1932.

Recebido em: 13/09/2022

Aprovado em: 23/12/2022